ARTIGO

Marli Gonçalves *

EU QUERO SER, OU SOMOS TODOS ODETE ROITMAN?

Apostas, opinião e conversas em todos os lugares, noticiários, propagandas, teorias da conspiração, procura de detalhes como em jogos de 7 erros. Chega a ser engraçada - mas também muito ilustrativa - essa nova catarse em torno da novela Vale Tudo neste remake 37 anos depois da versão original.

Como as coisas - até a moral - mudaram ao ponto de hoje existir torcida para que a terrível vilã inclusive não tenha nem sido assassinada – uma vez que hoje nem é considerada tão vilã assim, como justificam, com alguma simpatia. Ora, dizem, suas frases são antes de tudo sinceras. É bilionária, esperta, lasciva, pode ter arquitetado um plano para se ver livre de tanta gente chata e problemática que a rodeia. Gente tão boba, chata e interesseira, inclusive, entre os "supostos suspeitos" que não teriam coragem nem capacidade para executá-la.

> "CHEGA A SER ENGRAÇADA A NOVA CATARSE EM TORNO DE UMA NOVELA QUE É UM REMAKE DE 37 ANOS"

Pode ser? Pode, primeiro porque virou mania na ficção o morto que não morreu, presente em vários dos folhetins como recurso manjado. Ninguém é cremado; todos são enterrados em misteriosos caixões fechados nas tramas, como se nem existisse a possibilidade de exumação e ninguém se desse conta do desaparecimento do coitado enterrado. Bem, na vida real mesmo, vamos ser sinceros, são mesmo um fracasso as investigações que elucidem crimes, e acabaram de sair dados – Justiça esclarece somente 36% dos homicídios ocorridos no Brasil; 6 em cada 10 ficam sem solução. Já pensaram se resolvem no fim que o caso da Odete Roitman está entre eles, sem solução? Convulsão social, greve geral, povo nas ruas, que parece que a sociedade agora só se mobiliza de verdade com assuntos assim e fofocas da vida sexual dos outros.

Que a moral tenha mudado nesses anos, assisti, até houve uma certa evolução, mas o amor e admiração pela Odete e turma agora passa pelo perigoso cansaço do politicamente correto, para o bem e para o mal, nessa discussão se vale tudo para se dar bem. Protagonistas negras, sucesso quase instantâneo em empreendimentos, pobres com filosofia, luta contra o alcoolismo, etarismo, feminismo, relações fluídas, assédio e humilhações, problemas familiares convivem silentes com a corrupção, inclusive policial e política, e desatinos de todos os tipos.

Justamente como vemos acontecer todos os dias, embora nossas grávidas tenham barriga, elas não somem e voltam, e ninguém seja maluco de ir prestar depoimento sério assim na delegacia sem um advogado ao lado, coisa que movimentou até protestos da OAB. No meio de tudo isso, os odiosos merchandisings de tudo, caindo do céu nas cenas, de sabão, shampoo a automóveis carissimos que só lá pobres compram, do governo e programas sociais e instituições como o AA, a comemorações sempre fartamente regadas a Coca-Colas, e bem antes do refrigerante ser citado bobamente e do nada pelo governador de São Paulo que se preocuparia somente se elas que fossem falsificadas, e das bebidas com metanol estarem matando e cegando de verdade. Uma agência digital que vende, além de influenciadores, produtos fofos para bebês, e onde dois ou três personagens são tão capazes que produzem sozinhos duas revistas ao mesmo tempo, e no meio de seus corres e problemas financeiros.

Não precisam dizer a mim que tudo, à exceção do merchandising, é ficção, que bem sei. Mas é o tema da semana, e vai continuar entre os mais lidos e comentados. Mesmo com acordos para acabar guerras verdadeiras e sangrentas, divulgação dos Prêmios Nobel, destituição de mais um(uma) presidente no Peru, aposentadoria do Barroso no STF que já movimenta o rebolado do poder, brigas dos poderes entre si, esse Congresso malfeitor, tarifaço, COP30 na portinha, veneno nas garrafas, romeiros morrendo na estrada, nossa Seleção por aí, e mais.

É. Tem Dia da Padroeira Nossa Senhora Aparecida, Dia das Crianças, Dia do Professor. Que semana! Mas se depois do fim da novela, ainda sentir falta de sacanagem, horrores, gente estranha, tranquilo, sintonize em A Fazenda, que lá o esculacho é real, ao vivo. Com direito até a um clone constrangedor de Silvio Santos e cuspes. Não como se todos fossem Odetes Roitman, mas como se todos fossem apenas lhamas.

* Jornalista, cronista, consultora de comunicação, editora do Chumbo Gordo. Vive em São Paulo. marligo@uol.com.br / marli@brickmann.com.br

ARTIGO

Artur Marques*

MÉRITO PROFISSIONAL É A BASE DO ESTADO MODERNO E EFICAZ

De volta à pauta do Congresso Nacional e do Executivo, a reforma administrativa precisa ser tratada com um nível de seriedade e profundidade compatível com a necessidade de modernização do Estado e melhoria de sua produtividade, serviços e eficácia. No entanto, é fundamental não repetir o erro de reduzir essa discussão a um mero corte de gastos e ao desgastado argumento referente ao peso dos servidores no orçamento. Não estamos tratando de uma planilha contábil, mas sim do avanço do setor público para melhor servir à população e obter o equilíbrio fiscal.

Se queremos um Estado mais eficaz, o foco inicial precisa ser exatamente a questão referente aos recursos humanos, que são a essência de qualquer organização. O serviço público só existe por meio dos servidores que, muitas vezes, enfrentam e superam condições adversas para garantir o atendimento às demandas essenciais. Valorizá-los é condição indispensável para qualquer avanço. Isso passa, necessariamente, pelo fortalecimento dos concursos públicos, como critério inegociável de admissão, e pela preservação da estabilidade funcional.

Esses dois preceitos, ao contrário do que se propala de modo equivocado, são mecanismos republicanos de proteção à sociedade, pois blindam a administração pública de interferências partidárias e ideológicas a cada troca de governo. Também servem como barreira contra o apadrinhamento político, que historicamente gerou ineficiência, favorecimentos e corrupção. Desmontar essas garantias, como propõem algumas versões da reforma, é abrir as portas para aprofundar retrocessos tão conhecidos quanto perigosos.

Flexibilizar ou extinguir a obrigatoriedade do concurso público para admissão de funcionários e a estabilidade dos concursados, por exemplo, será um tiro no pé. Pode até parecer, à primeira vista, uma forma de conter despesas, mas na prática resultará no oposto: contratações sem critérios técnicos, desligamentos em massa e a pesada indenização trabalhista a cada nova gestão governamental e a descontinuidade de políticas públicas teriam um peso fiscal muito maior do que o custeio atual da folha de pagamentos do funcionalismo estatutário da União, estados e municípios.

> "FLEXIBILIZAR OU EXTINGUIR A OBRIGATORIEDADE DO CONCURSO PÚBLICO PARA ADMISSÃO E ESTABILIDADE DOS CONCURSADOS SERÁ UM TIRO NO PÉ"

Num país como o Brasil, com um histórico político repleto de fisiologismo, não é difícil prever os resultados da eventual flexibilização da estabilidade e de contratações sem concurso e à revelia do mérito. Podemos afirmar com segurança que, sem esses dois institutos, o Estado será muito pior e mais deficitário do que é hoje.

Pelas mesmas razões, cabe reiterar nossa preocupação com o enfraquecimento do Regime Jurídico Único (RJU), instituído pela Lei nº 8.112/1990. Esse regime foi um marco na busca por uma administração pública mais coerente e igualitária, ao garantir isonomia de direitos e deveres para os servidores. Antes dele, a coexistência de vínculos distintos, como o estatutário e o celetista, gerava distorções e injustiças dentro do próprio serviço público. Ao se admitir a ampliação de contratações fora do regime estatutário, conforme arcabouço legal referendado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), criou-se um perigoso precedente para a politização das nomeações e a fragmentação da máquina pública. Este é um ponto que a reforma administrativa precisa rever.

É legítimo que se proponha a modernização de processos, a racionalização de estruturas e a adoção de mecanismos mais eficientes de avaliação e gestão de desempenho. Também é preciso implantar tecnologia de ponta, como a inteligência artificial, para a conquista de ganhos de qualidade. Mas, não se pode confundir avanços com a precarização do serviço público. É preciso evitar atalhos fáceis, que, em vez de aprimorar o Estado, apenas o fragilizarão.

A grande maioria da população brasileira depende diretamente da União, estados e municípios para ter acesso à saúde, à educação, à previdência, à Justiça, à segurança, à moradia, à mobilidade, à energia elétrica, às telecomunicações e a outros serviços importantes. Em muitos casos, o Estado é a única presença possível. Não se trata, portanto, de uma questão corporativa ou ideológica, mas sim de garantir que nosso país tenha uma estrutura pública capaz de oferecer, com qualidade, aquilo que a sociedade precisa.

A reforma administrativa deve ser feita, sim, mas com inteligência, responsabilidade e compromisso com o futuro. Não pode basear-se em conceitos equivocados e na retórica dissuasiva da realidade, sempre utilizados para justificar a incapacidade crônica de promover o equilíbrio fiscal. Afinal, o que está em jogo é o papel decisivo do Estado na vida de cada brasileiro.

* Presidente da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo (AFPESP).

ARTIGO

Mauro Falcão

A BÍBLIA: ENTRE O HUMANO E O DIVINO

Pensar por si mesmo tornou-se um ato revolucionário. Questionar o que nos foi entregue como verdade exige coragem e lucidez - sobretudo quando se trata da Bíblia, obra que atravessou milênios moldando civilizações, inspirando filósofos e líderes, mas também servindo para justificar guerras, opressões e desigualdades.

> "É INEGÁVEL QUE A BÍBLIA FOI USADA COMO INSTRUMENTO DE MANIPULAÇÃO POLÍTICA"

É inegável que a Bíblia foi usada como instrumento de manipulação política, recortada e reinterpretada por homens movidos não pelo sagrado, mas pelo poder. Ainda assim, seria injusto reduzir seu valor espiritual apenas aos usos distorcidos que dela fizeram. Um bisturi pode matar nas mãos de um carrasco e salvar nas mãos de um cirurgião. O mesmo instrumento, intenções distintas.

Dizer que a Bíblia foi escrita por homens é, em parte, verdadeiro. Mas grandes obras da humanidade também foram gestadas por mãos humanas, ainda que inspiradas por algo que transcende o humano. O problema não está no instrumento, e sim na ausência de transcendência em quem o utiliza.

A Bíblia não é um livro estático — é uma egrégora viva. Vibra na frequência de quem a lê. Pode servir para oprimir ou libertar, amedrontar ou iluminar. A hermenêutica é chave; a semântica, por vezes, armadilha. A verdadeira compreensão exige espírito, e espírito não se lê com os olhos — sente-se com a alma.

Somos corpo, mente e energia. Quando a leitura das Escrituras ocorre nesse equilíbrio, transforma-se em experiência vibracional. Ela não impõe. Ela desperta.

Desconfiar das religiões institucionalizadas é legítimo e até necessário. Mas é sábio reconhecer que, apesar dos desvios humanos, a Bíblia continua sendo um dos livros mais inspiradores da história. Não apenas porcrentes: Newton, Galileu, Pascal e Kant também beberam dessa fonte — não por submissão, mas por busca.

Se há algo além do humano - e tudo indica que há - a Bíblia talvez seja o sussurro mais antigo desse invisível. Alterada? Sim. Mas preservada. Mal utilizada? Sem dúvida. Mas ainda viva.

A fé não é a suspensão da razão - é o seu salto. Crença é desejo. Fé é encontro. E onde há encontro com o eterno, o tempo silencia e o espírito responde.

Seguimos todos na mesma busca: a libertação da consciência. Tomamos trilhas diferentes, mas o destino é o mesmo - o alto, onde as ideias não competem, apenas se complementam.

* Pesquisador e escritor brasileiro.
E-mail: advfalcao@hotmail.com

OBS: ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRODUZEM, NECESSARIAMENTE, A OPINIÃO DO JORNAL DIÁRIO DO AÇO

Diário do Aço
www.diariodoaco.com.br
jornalismo@diariodoaco.com.br
Av. Londrina, 400 - Veneza II - Ipatinga
CEP: 35164-291

DIRETOR-RESPONSÁVEL
Valter Antônio de Oliveira

ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
3828-9030

EDITOR
Alex Ferreira

PEQUENOS ANÚNCIOS
3828-9030

DEPARTAMENTO COMERCIAL
admdiariodoaco@gmail.com

DISTRIBUIÇÃO E ASSINATURAS
Pontual Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda.
Tel.: 3826-7500
assinaturasdiariodoaco@gmail.com

DIÁRIO DO AÇO NA WEB
facebook.com/diariodoaco
youtube/diariodoacotv
@portaldiariodoaco